

## CONJURO

Chacais vinham desde o fundo do espelho.  
Golpe de chicote dominador, seu passo  
fendia o vidro. Olhogelados, faziam-se  
amos do ermo; olhoquentes, do sangue.  
Olhopresa, presa, pilhagem, cominada  
a um estranho rito propiciatório,  
via você, somente: totem cruel  
de uma estirpe esquecida, que emergia  
do fundo de um mar morto. Espelho morto  
e mortal. Do fundo do olho voraz  
que me sitiava, você vinha; dos caninos  
que me fitavam, vinha: nesse tempo  
do incêndio que me segurava entre as garras  
para devorar-me e cuspir a ossada...

Chacais vinham desde o fundo do espelho.  
Chacais vinham. E de repente caía  
a máscara de carne que os tornava vivos.  
E você vinha. Você. E conjurava  
as suas sombras ancestrais com a sombra  
do seu corpo, e o fogo deles com seu fogo.  
E o ranger funesto da lua rachada  
com água cheia, na alta noite dos seus olhos.  
E o gemer de portas desimpedidas  
com a voz que me gritava, escancarando-se,  
pelo meu nome mais secreto no seu peito,  
e me cominava a pisar o espanto  
com os pés nus, tal como uvas amargas.  
E agora te levo o vinho, cambaleando  
no meio de feras adormecidas.